

Nota do Conselho Permanente da Conferência Episcopal

NA sua nota, do Conselho Permanente, os nossos Bispos dirigiram-nos esta mensagem que queremos partilhar com quantos comungam o amor à Obra da Rua:

«(...) Dirigimos uma palavra muito especial de solidariedade fraterna e solicitude pastoral, às Casas do Gaiato e à obra dos Padres da rua, também eles a sofrer com as primeiras denúncias de problemas nessas instituições, tão queridas de todos os católicos de Portugal. Pensai como reagiria o Padre Américo numa situação semelhante: não teria medo da verdade, tentaria resolver o problema dentro do dinamismo da sua pedagogia e tudo faria para defender os seus rapazes. Como obra da Igreja que é, uma Casa do Gaiato tem que ter uma vigilância redobrada na defesa das crianças, um critério exigente na escolha dos educadores, a persistência em criar aquele clima alegre e sadio a que nos habituaram e que há-de ajudar a resolver os problemas que possam surgir. Se há atitude que um pedagogo deve ter é a coragem de corrigir e mudar, sempre que a evolução do tempo e o bem dos educandos o exigirem.

Neste momento difícil queremos dizer-vos que os nossos bispos estão convosco, para defenderem a originalidade pedagógica do Padre Américo, melhorando-a e adaptando-a às novas exigências dos tempos.

Fátima, 10 de Dezembro de 2002.»

PRATICANDO O BEM

Recado

A Obra da Rua foi alvo de uma afronta disfarçada, de autoridades oficiais, através da comunicação social.

Esperamos que o responsável averigüe a forma como o serviço daquele Ministério agiu.

As afirmações vindas a público como sendo de um relatório(?) que a Obra nunca soube ter existido, além de falsas são um atentado contra a dignidade de milhares de cidadãos que as Casas do Gaiato criaram e contra uma Obra que, ao longo da sua história, sempre mereceu o respeito das Autoridades e do Povo português.

Uma Obra que faz segurança social gratuita ao Estado, desde muito antes da existência do Ministério da Segurança Social.

O método pedagógico das Casas do Gaiato está, desde há vários anos, na mira de alguém que não o conhecendo nos enxovalha.

Verdadeiramente, o Estado não é capaz nem é da sua competência pôr de pé um método destes: Fazer casas de família para os sem-família exige doação inteira de vidas. — Os Padres da Rua e as Senhoras da Obra, não têm família nem amigos nem casas nem nada. — São pobres para serem totalmente dos rapazes. Só a Igreja Católica tem aptidão para criar pessoas com esta disponibilidade. Só ela tem capacidade para nos fiscalizar.

«Somos a porta aberta.»

Sempre fomos e seremos.

Se o Estado nos quiser inspeccionar, que mande gente com senso, limpa de má fé, com alguma informação do que somos.

Os padrões oficiais não têm cabimento em nossas Casas.

Continuamos a ser uma palavra nova.

O Senhor Ministro pode vir, sem avisar, a qualquer Casa, a qualquer hora e em qualquer dia, ele próprio ou pessoas da sua confiança.

Que ninguém deturpe!

Padre Acílio

CALVÁRIO

O olhar do Menino

CORCOVADA e em passos lentos aproximou-se, pediu licença e sentou-se nos degraus de pedra.

Aquela senhora vinha pedir ajuda para o filho doente e inválido. Não exigia. Suplicava somente.

Escutei-a com atenção, disse que sim e ela manifestou logo o seu contentamento, sorrindo agradecida.

Estava de pé, olhando para baixo e continuei, algum tempo, observando a alegria desta pobre muito humilde.

Ao lado, debaixo dos arcos da varanda medieval, os rapazes contemplavam o presépio que haviam urdido com musgo e algumas imagens de barro. Dois deles, debruçados sobre o Menino, pareciam encantados. Fiquei, por momentos, a pensar no paralelismo das duas situações.

Como eu, também eles tinham de olhar para baixo. Eu para escutar a humilde pobre; eles para contemplar o Menino no berço de palha.

Pelo Natal, o Menino Jesus é deposto no presépio. E nós temos de olhar de

cima para baixo para O ver deitado. Mas Ele é debaixo para cima que nos olha no presépio. É que Deus é humilde e os humildes é assim que procedem. Deus não quer que O vejamos nas alturas, Senhor do Universo, mas pequeno e frágil ao nosso lado. Esta é a humildade de Deus. E ninguém é tão humilde como Ele. É deste modo, pois, que Ele deseja que O vejamos: despojado de tudo quanto a nossa mente possa imaginar.

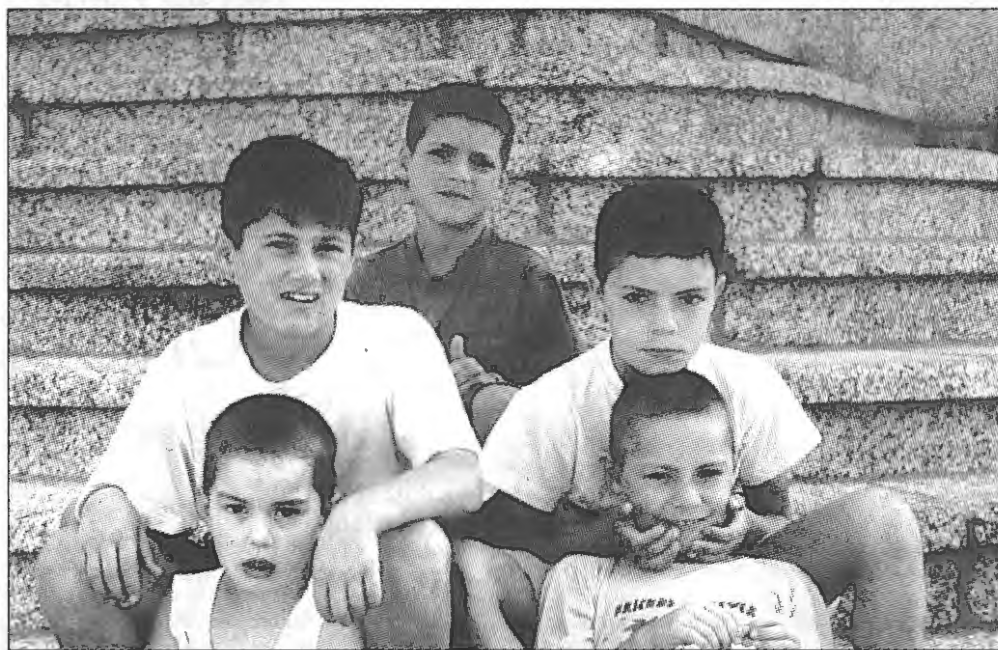
No nosso mundo, os humildes são os pobres, os aleijados, os fracos, os incapazes física e mentalmente. A sua humildade é-lhes imposta por circunstâncias e factores tantas vezes alheios ao seu querer.

Em Deus a humildade consiste em Ele não querer ser encarado como grande, poderoso, imenso, mas Aquele que só sabe amar. É o amor que faz Deus humilde. Ele ama. E o amor verdadeiro não se ostenta nem se coloca nas alturas, mas ao nosso lado, ao nosso serviço. Deus esconde-se na fragilidade da natureza humana para que saibamos

que Ele está junto de nós, ao nosso dispor, à nossa espera, à espera do nosso amor, olhando-nos debaixo para cima. A Seus olhos somos muito mais do que supomos.

Os rapazes continuaram por largo tempo, de olhar posto no Menino, tão igual ao que eles foram, ao que eles são! E o Menino olhava-os debaixo para cima, sorrindo. Quem dera que todas as crianças fossem olhadas como Deus as vê.

Padre Baptista



O nosso Natal são eles.

Os dois Natais de Jesus

«No advento do supremo Rei,
purifiquem os homens o seu coração
para irem dignamente ao encontro d'Ele
— porque Ele virá e não tardará!»

(De uma antífona do III Domingo do Advento)

EIS uma recomendação prudente e sempre pertinente, dado que um coração puro, para o homem, se vai formando por uma incessante diligência a começar quando ele tomou consciência de si próprio e compreendeu que a vida é

militância; e, porque é, esta durará até ao momento exacto em que termina a vida.

Construir a paz até à Paz para que foi feito, é condição de todo o filho de Adão e desafio de que nenhum está desobrigado. É projecto divino cometido aos homens. E porque projecto transcendente que o homem, por si só, não seria capaz de entender, menos ainda de executar, Deus Se fez Filho do homem para o explicar e acompanhar no seu desenvolvimento, àqueles

que O receberem em todas as gerações até ao fim do Tempo.

Este é o primeiro Natal que o Profeta anuncia, sem vacilar, cerca de oito séculos antes que acontecesse: «Ele virá e não tardará». Já para este Natal vale a exortação de Isaías — «purifiquem os homens o seu coração» — referida por outros Profetas e, finalmente, por João Baptista a a repete, insistindo: «Preparai os caminhos do Senhor. Endireitai as Suas veredas».

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

Nesta véspera de Natal, demos outra habitação, do Património dos Pobres, necessária, a pobre mulher que nos deu que fazer...

Foi pena não termos dado o prédio que tivesse sido entregue a quem precisa, de quem sofre.

A casa já tem situação muito boa para um casal. Tem sido preparada como é possível. Eles precisam de ter tempo para ir de acordo com tudo e com todos.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Está à porta. Todos os rapazes estão ansiosos pelas prendas. Comemoramos o nascimento de Jesus. Esperamos que o nosso presépio seja muito bonito.

Hugo Vieira e Carlos Miguel

TOJAL

NATAL — Nesta altura do ano, muitos jovens fazem Retiros para irem ao encontro com o Mensageiro. Por vezes, as paróquias esquecem-se dos jovens da actualidade, porque fecham os olhos e é mais fácil acreditar na hipocrisia dum mundo em que não existe a palavra amor.

Uma conversa

Falei para o Sol
— Porque brilhas tanto?
Assim respondeu-me:
— Para fazer-te sorrir
Porque quando
Estou triste
Recebo as tuas energias
O que mais preciso
Para também dar alegria
Àqueles que estão prestes a desistir.

Brilho tanto
Para te agradecer
O sorriso que me é transmitido
A razão do meu brilho
Nele está a razão do teu viver.
— E porque deixas por vezes de brilhar?
— Porque nessas alturas
Existem corações
Trancados duros como pedras
Que não permitem
A emissão da clareza
Pois eles não suportam a luz
Porque vivem na escuridão
Mas o teu sorriso,
Faz com que essas pedras
Sofram temperaturas brucas
E a luz passe entre elas.
No qual a razão do teu sorriso
É também nele a razão do meu brilho.

A todos os nossos Amigos, que nos têm o carinho e estima do qual renasce a vontade de sorrir para vós, seja o Natal feliz e o Ano Novo de maravilhas, não esquecendo também os que não têm Natal e dar um sorriso.

Abílio Pequeno

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

Realizou-se em 8 de Dezembro, o nosso Encontro Anual, na nossa Casa do Gaiato de Lisboa, como sempre sobre os desígnios de Maria, de quem neste dia se celebra a sua Imaculada Conceição.

Vieram alguns do início desta Casa, outros que ainda há pouco por aqui andavam, enfim, estiveram representadas todas as gerações de Rapazes que por aqui passaram e, evidentemente, os que actualmente usufruem desta oportunidade de vir a ser alguém — «se eles quiserem», como dizia Pai Américo. O pontapé de saída destes nossos encontros é o jogo de futebol, em que os Antigos (não gosto desta palavra, até porque ninguém aqui deixou de ser Gaiato) jogam contra os actuais, Rapazes, claro está, enquanto que as esposas dos primeiros ajudam na cozinha, ou conversam. Faz bem conversar.

A seguir vem a Eucaristia. É sempre reconfortante este diálogo com o Senhor, especialmente quando somos confrontados com notícias cuja veracidade e formato, não só não correspondem à realidade, bem como ferem toda uma comunidade de Rapazes (e suas famílias) que singraram, ou que tentam singrar na vida, certamente porque tiveram a oportunidade de viver na Obra da Rua. De outra forma continuariam o que eram — lixo da rua. Podiam ter vindo os actuais fariseus (leia-se jornalistas e não só) constatar essa mesma verdade e entrevistar os que já labutam fora da protecção desta Família que os acolheu e, se quisessem, entrevistar as suas esposas e filhos. Ficariam admirados. Mas claro, a verdade não dá para vender jornais. Ao menos, quando quiserem fazer um trabalho jornalístico sobre nós, ou outro assunto qualquer, documentem-se e preparem-se. Não vos ficava mal.

E que admirados ficariam se comessem da comidinha feita pelos nossos. Estava uma delícia e era vê-los comer. Dá gosto. Entre grafadas algumas histórias de vidas e de momentos vividos cá na Casa. Todos eles peculiares e muito nossos a prenderem a atenção da malta mais nova. Depois há que fazer a obrigação. Não temos criados, nem empregados, nem incentivamos ao ócio. Não. Casa de, para e pelos Rapazes. Não confundam educar pelo

trabalho e pelo exemplo, com trabalho infantil. Dizia Pai Américo que: Cá em Casa quem não trabaça não manduca...

Depois foi o café e uma reunião da Associação, em que também participaram Rapazes da Associação de Setúbal, onde discutimos as notícias vinculadas por alguma comunicação social e se deliberou de medidas a tomar. Daremos a cara e queremos que se faça justiça e, que por causa das audiências se não publiquem falsidades que causem dolo e mal-estar, aos muitos que de nós trabalham e são enxovalhados nos seus locais de trabalho. Não que tenhamos a consciência pesada, não. Mas quem não se sente não é filho de boa gente, diz o povo; e nós somos filhos da Obra da Rua e não estamos a gostar do modo como estamos, levemente, a ser tratados, quer pelos jornalistas, quer pelos governantes. O que nos tem valido são os nossos Amigos. Contamos sempre com vocês, bem-haja.

Houve ainda tempo para um pequeno espectáculo e actualizações realizadas por alguns Amigos nossos, ao que se seguiu a merenda ajantada e a debandada dos Antigos Gaiatos para suas casas.

Fernando Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos na época de Natal considerado o período por excelência de paz, amor e cari-

nho.

Nesta quadra natalícia os nossos irmãos mais carenciados também gostavam de ter um Natal cheio de amor e carinho porque esta é a essência de que todo o ser humano precisa, mas actualmente anda a escassear, as pessoas vivem muito para si próprias e esquecem-se que mesmo ao seu lado existe muita pobreza, bastava estarem um pouco mais atentos e estenderem a sua mão.

No Natal deu-se o nascimento de Jesus e já foi há muitos anos, mas é lembrado como o Grande Desejado, era o que tinha mais seguidores. Hoje os Seus seguidores andam distraídos do seu próximo, esquecem-se que temos centenas de irmãos carenciados, esperando por alguma ajuda. É no meio dos Pobres que encontramos as palavras do Evangelho, para meditar, quanta pobreza escondida existe por onde passamos.

Quanto aos nossos protegidos, vamos continuar a dar o nosso apoio e proporcionar-lhes que o Natal para eles seja todos os dias do ano.

No livro O Barredo Pai Américo escreveu:

«Está-se tornando elemento indispensável, a existência em todas as nossas Casas de Conferências de São Vicente de Paulo. Elas são, sem dúvida alguma, o verdadeiro cristianismo. Cristo deu-Se e morreu pela Humanidade, os confrades dão-se e vivem integralmente o Primeiro Mandamento.

Dizia que as Conferências de São Vicente de Paulo, são elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos. E é assim mesmo. Porquê? Só quem é vicentino poderá responder, e, quantas vezes inexplicavelmente, pelas

lições que se aprendem no contacto directo com a miséria social, a que nós já, infelizmente, pertencemos e agora melhor a sabemos compreender. Como é regra geral, as obras do espírito evangélico, principiam sem nada. Nada de material, apenas confiança na Providência. Claro que seria impossível uma obra, como uma Conferência de S. Vicente de Paulo, viver sem auxílio material.

Não valerá a pena perder mais linhas e gastar mais prosa. Tudo o que é necessário já foi dito: nova Sociedade Vicentina; Pobres para socorrer; parte material deficitária.

Agora, o que nos resta é aguardar de ti, caro leitor que nos escutas e ouves, nos envies, hoje mesmo, ou melhor quando puderes, qualquer coisa que mitigue a fome, cubra a nudez; enfim, encha de alegria um nosso irmão que, do pouco que possas enviar, necessite. E desta maneira todos nós cristãos, se desse nome formos dignos praticarmos o verdadeiro cristianismo, sintetizado naquelas palavras eternas do Mestre: «tudo aquilo que fizeres ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim mesmo o fizeste.»

Esta mensagem do nosso querido Pai Américo, dá-nos força, mas precisamos que os nossos antigos gaiatos se ofereçam voluntários, para assim podermos alargar as visitas aos Pobres, uma vez que somos poucos.

RECEBEMOS — Um cheque do Amigo Joaquim Martins, do Porto; donativo da nossa Amiga do Lar de Nossa Senhora do Sameiro, de Braga; quinze euros de anónimo, de

Lourosa.

Da nossa Amiga Fernanda, cá recebemos o seu donativo; também da nossa querida Amiga de Fiães, veio a sua oferta com um postal de Natal cheio de palavras de carinho e de amor.

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

VERGONHA — Uma vez mais somos notícia de primeira página! A estupidez de alguns, a felicidade doutros e a nossa tristeza. Os órgãos de Comunicação Social vivem uma vez mais em pobreza cultural. Não se importam com mais nada, só lhes interessa os lucros. O valor humano é uma vez mais posto em causa. Os nossos rapazes ficam desprotegidos, vulneráveis a qualquer insulto. Pois só quem sabe o que é esta Obra, é que pode o bem dizer. Somos uma família, como qualquer outra, temos as nossas regras, não somos casa de correcção, colégio ou orfanato! Os nossos Padres e Senhoras estão vinte e quatro horas, sobre vinte e quatro horas ao serviço; não há sábados nem domingos. Têm de ser perfeitos em matéria e espírito, pois, quicá, ninguém os perdoa.

Peço a todos os leitores d'O GAIATO a vossa compreensão. Rezem por todos os que nos querem mal, para que não atirem mais pedras. E Deus lhes perdoe!

César Amante

Correspondência dos Leitores

Indignação

«Tomei conhecimento, hoje, pelo noticiário da rádio daquilo que já será do conhecimento público em geral e cujo conteúdo repudio como proveniente de alguém a quem, neste momento, compete a Deus julgar.

Conheço razoavelmente a Casa do Gaiato de Paço de Sousa e o seu modo de viver. Da acusação tornada pública saliento as afirmações de que na Casa do Gaiato de Paço de Sousa se pratica actos de violência, abusos sexuais, escravatura e trabalho infantil.

Começando pela violência, na verdade ela poderá acontecer ocasionalmente por algum adulto que, mercê dum comportamento nervoso e descontrolado a exerça sobre menores, sem qualquer desculpa para tal. Disso estou certo que, a ser verdade, a Direcção da Casa do Gaiato mandará averiguar e procederá como tal facto exigirá.

Sobre os abusos sexuais, eles sempre existiram nos lugares, especialmente em dormitórios, onde há muitos rapazes, o que sempre exige um cui-

dado redobrado de atenção a tais possíveis abusos, por vezes muito difíceis de controlar no seu todo, especialmente porque passam na televisão, por vezes em horas impróprias, filmes com cenas sexuais que provocam nos rapazes que os vêem, nas chamadas idades perigosas, uma redobrada tendência de excitação para a prática sexual com resultados funestos, até ao ponto que tal prática, embora rara, sucede entre irmãos e não só... Portanto, nunca será demais, proceder na Casa do Gaiato a uma redobrada vigilância e educação sexual de prevenção a evitar no máximo tais abusos.

No que se refere a escravatura, essa acusação é de bradar aos céus, só atenuada porque o acusador não sabe de certeza o significado da palavra «escravatura».

Quanto ao trabalho infantil, tirar ao Gaiato a legenda porque se rege desde os seus primórdios, «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» tão querida, na prática, pelo Padre Américo e tão admirada pelos que visitam a Obra, é o mesmo que pretender encerrar a Casa do Gaiato, porque na

«Obra» sempre constou da educação dos rapazes a todos os níveis: escolares, tempos de lazer e tempos das suas ocupações em prol do bem de todos os da Casa, isto é, cada um com o seu trabalho adequado à sua idade, desde o trabalhar na colocação dos endereços no Jornal até ao ajudar nas lides da cozinha. Se por tal trabalho o acusador acusa como ilegal, isto é, trabalho infantil, então também os Pais, por esse Portugal fora, não poderão dizer aos seus filhos para pôr a mesa, os ajudar nas lides do lar, e, mais, até haverá que irradiar das telenovelas, de filmes, de jovens cantores, etc., os menores de dezasseis anos.

A Casa do Gaiato está, sem dúvida, a viver um acontecimento anormal e que fere todos aqueles que aí vivem... educam... trabalham. Mas será que actualmente no nosso País «as coisas» andam certas? E quem acusa, porque motivo o fará?

Se precisarem posso ser uma testemunha do que aqui declaro.

Com um abraço para todos (até para o acusador).

Assinante 24269.»

BENGUELA

Os meios de Comunicação Social

FESTA do Natal! Quando estas notas chegarem às vossas mãos, o dia de Natal já passou. Atravessei, há momentos, o pátio interior da Casa-Mãe e vi as mães com os seus filhos pequeninos à porta do consultório para serem atendidos pela Irmã enfermeira que está ao serviço dos doentes. São de fora, mas também nos pertencem por amor gratuito e necessitam de ser curados. Em cada cantinho, onde está a mãe e o menino, em casa alheia, sem berço e sem dinheiro para os remédios e para o pão, quero ver o Presépio vivo, onde o Menino nasceu.

Os meios de Comunicação Social, com televisão ao de cima, pelo impacto que tem, anunciaram fartura de bens refinados de consumo, como em qualquer sociedade. Para quem? Somente uma franja social diminuta tem acesso a tais bens. É um facto. Sentir-nos-emos, contudo, felizes se não faltar o cabaz de produtos básicos para o universo dos pobres e miseráveis que são a grande maioria. Da nossa parte havemos de fazer a Festa da alma e do corpo. Para os de dentro e para os de fora também. Andamos algo preocupados, porque temos de comprar quase tudo. As coisas atin-

giram preços absurdos. A farinha de milho subiu assustadoramente. É a pedra preciosa da alimentação da nossa gente. Não podemos, contudo, desanimar. Vamos para a frente, bem seguros nas vossas mãos.

A Festa do Natal tem características muito peculiares. algo de muito íntimo toca o nosso coração. A reunião familiar, o calor do lar, um certo ambiente de alegria e fraternidade faz com que a Festa do Natal seja vivida numa atmosfera especial. Não nos chega a carga emotiva para uma verdadeira celebração. Quem dera houvesse em todos nós uma preocupação séria e compromissos bem concretos com tudo o que acontece à nossa volta e com todas as pessoas que necessitam da nossa ajuda. Se podemos dar a mão, porque não o fazemos? São-nos pedidos, por vezes, grandes sacrifícios para melhorar a convivência humana digna entre quantos nos rodeiam. Será possível celebrar o Natal sem realizar um exame sério das nossas atitudes?

Logo de manhã cedo, chegou do bairro uma criança com o braço partido e o outro na mão da mãe. Foi para o hospital na nossa carrinha que faz de ambulância para muita

gente. Mais outra com o filho ao colo para ir ver o lugar onde dorme. É uma cubata sem cobertura.

É Natal para nós sempre que respondemos às exigências urgentes dos nossos irmãos. Uma decisão que implica uma mudança radical na nossa forma de viver. «Um Menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado...» Quem foi? O Filho de Deus que tomou o nome de Jesus de Nazaré. Para uma pessoa que crê que Ele é o Deus feito homem, nada do que acontece à sua volta é indiferente. Cada momento do nosso viver tem as suas exigências humanas e cristãs. Quem nos dera um coração pobre, simples e sempre disponível, porque só os simples souberam interpretar as palavras dos anjos e descobriram no Menino do presépio a Palavra que Se fez carne! E continua presente nos acontecimentos do dia a dia.

Fiquei surpreendido, quando o homem me apresenta o papel do hospital, com tudo o que era necessário para a operação urgente a que sua esposa devia sujeitar-se. Pus as mãos na cabeça e duvidei. Mas era verdade. Como poderia ser operada, se pouco ou nada tinha para viver? Demos a mão e ajudámos a comprar tudo. A mulher está salva e já trabalha. Estes casos são o símbolo da situação por que passa a multidão dos filhos e filhas de Angola.

Natal é Deus que vem até nós para nos interpelar e pedir uma resposta, nas pessoas, nos acontecimentos: «Aceitas-Me?...». Feliz Natal!

Padre Manuel António

Os dois Natais de Jesus

Continuação da página 1

Mas a recomendação profética torna-se mais veemente e responsabilizante para as gerações que foram advertidas pelo próprio Filho do homem das condições: «para ver a Deus — tornarem-se puros de coração»; e «para serem chamados filhos de Deus — serem obreiros da paz» (Mat. 5 - 8, 9).

Puros de coração são os que professam a sinceridade, procuram a rectidão, estão na vida e agem com simplicidade. Estes são também obreiros da paz.

O apelo do Profeta à purificação dos corações como condição para a dignidade do encontro com o supremo Rei (pois que só este encontro dá sentido à vida do homem) parece ter ainda maior referência ao segundo Natal, quando o Filho do homem vier na Sua glória, não já para explicar o projecto

do Pai e acompanhar os homens na sua realização, mas para os julgar pela aceitação ou rejeição desse projecto de nos fazer Seus filhos.

No capítulo 29 do seu livro, Isaias revela o julgamento de Deus: «Assim fala o Senhor Deus: 'Este povo aproxima-se de Mim com palavras e dá-Me glória com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim e o culto que me presta é um preceito aprendido com os homens'» (...) «Ai daqueles que se escondem do Senhor para dissimular as suas intenções! Ai daqueles que actuam nas trevas e dizem: 'Quem nos vê? Quem sabe de nós?' Que perversidade a vossa!» (...) «Os humildes alegrar-se-ão cada vez mais no Senhor e os mais pobres dos homens rejubilam no Santo de Israel. O tirano deixará de existir, o escarnecedor desaparecerá e serão extintos os que só pensam no mal, aqueles que

pelas palavras fazem condenar os outros, os que armam ciladas no tribunal a quem promove a justiça, e quantos por um nada arruinaram o justo».

Hoje, como nos anos setecentos antes de Cristo, a hipocrisia e a maldade têm campo largo onde reinar. Há sempre esconderijos e lugares de trevas onde se dirá: «Quem nos vê? Quem sabe de nós?» Por isso a palavra do Profeta não se esgotou nestes dois mil e setecentos anos que nos separam, e só no fim do Tempo se esgotará. Pode não ser ouvida, mas sempre terá oportunidade.

Quem dera que não! Quem dera se cumprisse para todos os homens o vaticínio feliz a respeito de quantos aceitam o desígnio divino e se querem membros do *Israel de Deus*: «Doravante, Jacob não terá de que se envergonhar e o seu rosto não voltará a empalidecer...» (...) «Os espíritos desnorteados aprenderão a sabedoria e os murmuradores hão-de aceitar a instrução» (Is. 29, 34).

Padre Carlos

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

Pequena nota

Com onze anos, ainda mal feitos, entrei na Casa do Gaiato de Setúbal, ali para os lados de Algeruz, e por lá me situei e vivi até aos meus 26 anos. Ali trabalhei, estudei, consolidei a minha formação de homem, aprendi valores fortes para construir a minha vida e erguer a família que hoje tenho. Sem recursos, abandonado de mãe e pai, foi com a minha avó materna e com a preciosa ajuda maternal da minha vizinha Manuela, que subsisti enquanto menino e fui acompanhado ao longo da minha infância. Hoje, com 54 anos quase feitos, Licenciado em Gestão de Empresas e Responsável Geral pela Segurança dum Grupo de Companhias de Aviação, sou confrontado com ques-

tões e com campanhas conduzidas pelos órgãos de comunicação social (jornais, rádios e estações de televisão) que põem em causa tudo, inclusivé o bom nome de Instituições, como as Casas do Gaiato e a Obra da Rua, que tanto têm feito por esses quatro cantos de Portugal e em África pelos filhos portugueses «farrapo da rua», no dizer de Pai Américo, que sem elas não teriam, se calhar, sido homens e construído o direito a serem iguais a todos os restantes cidadãos deste País. Uma campanha conduzida e montada que pretende ser moralizadora de costumes, descobrindo, em tudo e todos, casos de pedofilia e abusos e violências de crianças. Não importando pôr na lama, em nome

desses tais «bons costumes», mesmo pessoas inocentes e que nada têm a ver com esses assuntos. A «porcaria» que por aí vai nas «casas de guardar crianças»!..., como dizia, há dias, uma conhecida jornalista apresentadora de tele-jornais numa conhecida estação televisiva. «Casas de guardar crianças»?!..., ao que isto chegou?!...

Sou defensor intransigente de que os casos de pedofilia, os abusos e maus tratos sobre crianças ou sobre qualquer ser humano, devem ser cortados a direito e encontrados os culpados e serem julgados, onde os houverem. O Papa e a Conferência Episcopal Portuguesa condenaram estas situações e defendem que os culpados destas práticas

devem ser julgados e condenados. Tudo bem!..., agora o que não aceito e condeno é todo este ataque às bruxas, conduzido de forma orquestrada pelos órgãos de «desinformação» deste País, procurando encontrar pedófilos, violadores e violentadores de crianças em tudo quanto é sítio, lançando de forma despidorada na lama, se preciso for, mesmo pessoas inocentes e instituições idóneas que, como as Casas do Gaiato, tanto têm dado a Portugal e aos seus filhos, numa forma perfeitamente desinteressada de valores materiais, com mais nenhum outro objectivo que não seja o de fazer de cada Rapaz da Rua um verdadeiro Homem. As Casas do Gaiato e outras, em vez de serem «Casas de Família» onde os rapazes encontram a Família que não tiveram, são, no dizer da insigne(!) jornalista deste nosso País, «casas de guardar crianças»!...

José R. Apresentação

PENSAMENTO

O Mundo anda com muita fome de Justiça. Quando a vê, dá; que o alimento adequado daquela virtude é justamente dar para que cada um tenha o que é seu.

PAI AMÉRICO

UDIPSS-PORTO

União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social

TEMOS vindo a acompanhar algumas notícias que visam macular a maravilhosa Obra do Padre Américo. A uma notável instituição que foi fundadora da União das IPSS, toda a Direcção da UDIPSS-Porto quer afirmar:

- 1 — Conhecemos e reconhecemos a especificidade própria e a notável Obra da Casa do Gaiato em favor dos rapazes mais carenciados, Obra que já tem uma história longa e de cujos frutos a nossa sociedade muito tem beneficiado;
- 2 — Condenamos a publicação parcial de relatórios sem que previamente sejam ouvidos aqueles que dirigem as instituições sujeitas às inspecções e sem que aos dirigentes seja facultada a possibilidade do contraditório e prévio conhecimento das conclusões propostas;
- 3 — Estamos vivamente apreensivos com este clima de doentio masoquismo em que caiu a sociedade portuguesa, em que interesses que usam a comunicação social se divertem na obsessão da procura de males e escândalos, vivendo disso mesmo e com isso minando uma sociedade que se vê quase irremediavelmente despida de valores e convertida à sua apagada e vil tristeza, sem ideal, sem projectos e sem modelos;
- 4 — Apoiamos a Obra do Padre Américo e disponibilizamos à Casa do Gaiato os serviços da UDIPSS-Porto e a nossa solidariedade.

Com os melhores cumprimentos.
Porto, 10 de Dezembro de 2002.

ENCONTROS EM LISBOA

Os oleiros não desanimam

MAIS um ano nos foi dado para estarmos recolhidos diante do Presépio. Olho o Menino, olho a Senhora e olho S. José. Uma família bem singular encerrando tantos segredos e tantos silêncios, de tal maneira que só encontramos uma palavra para descrever tudo: Mistério. Mas, deixando-nos envolver por esse Mistério, transparece tanta alegria, tanta esperança, tanta paz e também muito sofrimento. Mergulhados nesse Mistério sentimos a emoção, ficamos comovidos porque nos sentimos atingidos no mais íntimo de nós próprios. É a nossa vida com os seus tons surpreendentes e variados que por ali passa ou ali encontra alguma luz.

Este ano vi-me, diante do Presépio, a tentar dizer uma

quantidade de desabafos da alma. A realidade é, por vezes, tão sufocadora que decidi não gastar muito tempo em palavras, mas contar ao Menino duas histórias que terminam em oração.

A primeira história começa assim:

Um dia deram-nos anonas. Das sementes de anona, espalhadas aqui e ali pelos nossos miúdos, nasceram quatro anoneiras. Começamos por notar que era uma árvore bonita e deixámos ficar. Um dia, para nossa surpresa, começaram a aparecer uns caroços que, pouco a pouco, foram tomando a forma de anonas e, como ninguém conhecia antes, constituiu admiração para todos. Os frutos cresciam, mas continuavam duros. Alguém me disse que era necessário tirá-los da

árvore, caso contrário nunca iriam amadurecer. Perguntei se tinha alguma anoneira. Foi-me respondido que não, que a única que tinha visto era aquela, mas que tinha ouvido dizer, não sabia bem por quem... Perante tal informação, decidi que os frutos continuassem na árvore até encontrar alguém experiente. Não encontrei, mas o fruto continuou a crescer e, a dado momento, quando chegou o seu tempo, começou a ficar «molinho» como disse o Filipe. Colhemo-lo e comemo-lo. Estava saboroso. Aprendemos com a experiência. Também podíamos ter aprendido com gente experimentada, mas não com gente do «ouvi dizer não sei onde».

Sabes, Menino Jesus, a ignorância é muito atrevida. Não lhe dói estragar tudo o que os outros construíram numa amálgama de dor e alegria. Olhando para trás, na minha própria vida, creio que antes de vir para uma Casa do Gaiato seria capaz de falar muito mais do que agora. Não fazia parte do

MALANJE

Os dois presépios

UMA pedra bem pequena aos trambulhões no rim atirou comigo de Angola para Portugal e, neste Natal, do canto da lareira onde o fogo vivo é bem o símbolo do amor da família que atinge os corações.

Tenho visto nos ecrãs o Natal a servir de rampa de lançamento de todos os produtos que se pretendem vender. Um reino maravilhoso de cores e movimento! Até os pais-natal vêm de todos os caminhos e chegaram a toda a parte com neve a cair. Na vida real não chegam a parte nenhuma!

Lembro algumas viúvas que visitava na encosta de Miragaia: Um ano, a brincar, perguntei-lhes: — Então, não passou por cá o pai-natal? «Histórias, venha ver o nosso

presépio»: simples, maravilhoso e com raminhos de rosmaninho a fazer de neve.

Transporto-me para Angola a uma aldeia de leprosos. Quando cheguei, rodearam-me e que fosse ver o presépio: Nossa Senhora, o Menino, S. José, pastores, ovelhas e reis — tudo feito de barro com os cotos das mãos — numa cabana de palmeiras. O mais lindo presépio que já vi!

Alto! Na televisão, agora, uma estrela! Até que enfim, a estrela de Belém... A seguir à estrela uma folhinha toda verde meteu pelo espaço. A estrela foge e a folha poisa num corte inglês.

Longe vai a estrela de Belém e a compreensão profunda da gruta onde o Menino nasceu.

Padre Telmo

seu sofrimento e da minha alegria. Não estava, como diz o nosso povo, na minha massa do sangue, não me despertaria emoções e afetividades. Agora, sinto pudor em falar. Dói-me. Sinto das feridas muito pro-

fundas das vidas que acolho e se tornaram a minha vida. Gosto de guardar silêncio e, às vezes, gostaria de escrever no chão...

A segunda história anda dentro de mim — há bastantes anos. Um dia, para explicar coisas complicadas sobre a vida dos meus miúdos, saí-me a expressão «são como vasos partidos que é preciso reconstruir e colar». Logo me chamaram «oleiro de vasos quebrados». Aguentei o nome porque me parece cheio de sentido. Com efeito, os nossos miúdos, quando nos chegam, vêm, na maioria das vezes, cheios de mazelas, não exteriores, mas interiores, no seu íntimo, na sua alma. Por quantas experiências passaram na primeira e segunda infância? Quantas coisas viram até aos dez ou doze anos? Quantas rupturas sofreram nas suas afetividades e relações? Quantas vezes ouviram dizer que não prestavam ou foram escoraçados como descartáveis de que é preciso a gente libertar-se? Quantos descuidos e solidões? Quantos mundos marginais bordejaram e interiorizaram? Feridas e mais feridas... É preciso começar com muita paciência e esperança a colocar as coisas no sítio. Dar tempo ao tempo, não

apressar. Às vezes, parece que os outros bocados já estão no sítio e, de um momento para o outro, caem, diante da vozearia geral que apregoa que não vale a pena. Essas vozes são vazias, não têm um o peso das noites de vela, das tentativas e mais tentativas para tudo ficar bem. A vozearia quase canta vitória com o insucesso. O oleiro, porém, pega novamente nos bocados, porque são sagrados para ele, fazem já parte da sua vida, e recomeça, no silêncio das noites sem dormir, perguntando-se humildemente onde esteve o erro ou se não deveria fazer mais desta ou daquela maneira... Quantas vezes, o vaso fica inteiro, mas, apesar de todos os esforços, notam-se as fissuras e isso faz parte da história de cada um...

Meu Menino Jesus! Olha para estes nossos vasos e, se não é possível calar a vozearia ensurdecadora e vazia, faz com que os oleiros não desanimem e os vasos não se deixem ir, partidos, mostrando a desolação e tornando-se espectáculo de abutres que só se saciam com as desgraças alheias, fazendo da desgraça e do sofrimento o seu espectáculo, o seu grana-pão e o seu direito a serem escutados...

Padre Manuel Cristóvão

TRIBUNA DE COIMBRA

Vamos levantar a voz da família

ONTEM, Domingo terceiro do Advento, foi o «Domingo da alegria». Todos os outros também o são, claro! Realmente, a Palavra de Deus proclamada e escutada pelos crentes é sempre um convite à alegria. Mas no contexto litúrgico do Advento, há um sublinhado especial, por que se trata de «uma» alegria que vem da vinda eminente e actual de Deus à história humana: «Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus», gritava Isaias. Mais adiante, S. Paulo: «Irmãos vivei sempre alegres, daí graças em todas as circunstâncias».

No contexto sócio-cultural que nos rodeia não deixa, porém, de ser um convite provocatório pois que aquilo que se vê e discute, a maior parte das vezes, é gerador de tristeza e de pessimismo. Assolados por acontecimentos «catastróficos» e deprimentes aos quais o culto pelo horrível e chocante de alguns

comunicadores empresta espaço e tempo, com ingredientes de sadismo à mistura, numa volúpia insaciável e sem limites, tanto o convite do Profeta como a exortação do Apóstolo assumem um carácter provocatório.

Pedem uma reacção. O próprio Apóstolo a propõe: «avaliai tudo conservando o que for bom». Dar espaço ao discernimento que conduz à capacidade de admirar como antídoto da suspeita doentia.

A mensagem do Natal é tão adversa a certas mensagens empoladas que só têm em conta o sensacionalismo a qualquer preço e negativo. Há tanta coisa bela e boa por esse mundo fora, nas pessoas e nas sociedades, desconhecida por levar tempo e exigir gratuidade. É por essa beleza e só por ela que o mundo se há-de levantar. A mensagem do Natal conduz-nos à família. Vamos levantar a voz pela família pois a maior causa de

desequilíbrio social nasce da falta desta ou do seu desprezo e esquecimento. Tanta preocupação pelos armamentos nucleares escondidos nos desertos que ameaçam a Humanidade, sim, a mesma se sinta no que concerne à família, às condições económicas e sociais para que estas possam ser célula viva da sociedade, de cidadãos equilibrados. Sem família capaz nunca teremos uma verdadeira convivência social. Os desequilíbrios e os desequilibrados aumentam em flecha deixando atrás de si um verdadeiro rasto de sofrimento que ofende a dignidade humana e divina.

O Vítor é, como muitos outros desta Casa, bom aluno e trabalhador. Por causa das notas e do Natal perguntei-lhe se queria alguma prenda especial: que pedisse. Sapatilhas de alta marca... se for o caso — pensei — porque não! Depois de algum tempo por entre um rasgado sorriso: «O que eu gostava mesmo era de voltar a ver a minha mãe...» O Menino Jesus que olhos te contemplaram no primeiro instante? Não foram os de Maria? Não foi nos olhos d'Ela que voltaste a apreciar o sorriso do Eterno Pai?!

Padre João

SETÚBAL

O maior Nascimento na história da humanidade

Onascimento de Jesus, que acabamos de celebrar, foi o início da maior novidade que aconteceu na história da Humanidade. Porque massa dessa mesma massa humana, também na nossa história pessoal, Jesus Cristo foi a maior novidade. E foi-o de tal maneira, que reorientou decisivamente o caminho que nossos passos haviam de trilhar.

Neste caminho, que Ele coloca sob os nossos pés, não sabemos nunca os encontros que iremos ter. Um Amigo e companheiro neste mesmo caminho, escreveu-nos, e na carta que nos enviou, conta-nos como viu um encontro imprevisível que recentemente, em conjunto, tivemos. Diz-nos assim:

«Bons Amigos Gaiatos, Irmãos em Cristo Jesus

Nesta época, em que o Mundo Cristão celebra o Natal, não como a comemoração do nascimento do nosso Mestre, mas no desperdício de tantos haveres necessários a mitigar a fome a tantos, através de gastos supérfluos, apenas para

reuniões de comes e bebes, eu sinto-me triste com a situação criada por «seus» responsáveis (que o deveriam ser), por notícias ignóbeis sem fundamento e levando tantos a pensar que nas Casas do Gaiato se faz aquilo que «eles» fazem nas suas reuniões sociais. Que sabem eles sobre educação, moral ou civismo dos povos? Apenas sabem que têm excessos de tudo, e como tal, «sem rei nem roque» como se dizia antigamente, gastam, banqueteiam-se e utilizam os seus empregados como escravos, dando-lhes depois as migalhas que não querem.

E lamento estes ditos jornalistas, que pensam fazer sensação inventando notícias, ou noticiando casos não existentes. E eu perguntar-lhes-ia: Que seria que eles fariam se estivessem «à testa» de uma casa com uma centena ou mais de rapazes, vindos dos lugares mais sombrios da sociedade humana, famintos de pão e de amor, revoltados contra a sociedade, desprezados, enxotados de tudo e de todos, como

se lepra tivessem? Sim, que fariam? Nada. Porque nada têm em seu coração egoísta, apenas desejam fazer sensação com notícias bombásticas (verdadeiras ou não). Se esses jornalistas tivessem lido algumas linhas desse Evangelho escrito por Pai Américo, saberiam que afinal curar as feridas desses meninos, é muito, mas muito difícil... Seria bem melhor que esses (essas) jornalistas se voluntariassem durante um mês para ver o trabalho de escravatura que anunciam e a fome que os gaiatos passam. Aí se via afinal como os filhos deles são educados e criados e onde chegam...

Que Deus lhes perdoe a sua ignorância e permita que esses senhores(as) ponham a mão na consciência e se arrependam do mal que estão fazendo.»

Pedir perdão para os inimigos, é sinal da presença de Deus no coração dos homens. Ter fome de justiça, neste mundo tão cheio de injustiças, é carência sempre insatisfeita. A hipocrisia, que atingia altos membros da sociedade há dois mil anos e que Jesus denunciou, comparando-os a sepulcros caiados, ganha hoje novo vigor. Quem lhe escapará?

Padre Júlio